

Tor zur Welt: Fußball als Realitätsmodell
Gol para o mundo: Futebol como modelo de realidade
THEWELEIT, Klaus. Köln: Kiepenheuer & Witsch. 2004. 234p.

Martin Curi

O ex-ministro do exterior dos Estados Unidos, Henry Kissinger, disse certa vez que seria possível entender as nações analisando seu estilo de futebol. No ano de 2004 tivemos o lançamento de dois livros que poderiam se basear nesta idéia. Foram eles: Como o futebol explica o mundo de Franklin Foer e Tor zur Welt de Klaus Theweleit. O segundo pode ser descrito como uma versão acadêmica do primeiro. Mas há mais diferenças. Theweleit não apela para o sensacionalismo como faz o jornalista Foer, que descreve a violência dos Hooligans ou dos torcedores sérvios que lutaram na Guerra dos Balcãs. Pensando bem, Tor zur Welt não quer realmente explicar o mundo, mas sim explicar como uma pessoa pode construir seu mundo através do futebol e que isso muitas vezes não está longe da realidade. O futebol torna-se um modelo da realidade. Dessa forma pode ser explicado o título do livro, porque a palavra alemã „Tor“ não significa só „Gol“ mas também „Portão“.

O livro tem oito capítulos, que poderiam ser divididos em três partes fundamentais. A primeira descreve como Theweleit, desde sua infância, construiu seu mundo através do futebol. A segunda tenta analisar as tendências no mundo contemporâneo e seu reflexo no futebol. Finalmente, na terceira parte temos as visões particulares de Theweleit sobre o futebol e o mundo do futuro.

A construção do mundo

Theweleit não precisa viajar pelo mundo como fez Foer. Ele quer descrever como descobriu as coisas do mundo no futebol e apresenta desta forma uma visão

alemã. A primeira orientação geográfica do menino Klaus foi obtida através das transmissões radiofônicas de futebol, que revelaram para ele a existência das cidades de Kaiserslautern, Colônia, Nuremberg e mais tarde Milão e Barcelona. Mas foi possível fazer outras descobertas, como por exemplo, a lógica das estatísticas do futebol de mesa ou as características de diferentes materiais de bolas como borracha, plástico e couro. Certamente o futebol foi importante para estabelecer algumas diferenças entre meninos e meninas. As garotas não cabeceiam uma bola voluntariamente por horas contra uma parede, não jogam com os pés e invariavelmente têm as bolas melhor preservadas por jogarem com as mãos. Mas elas também eram ingênuas e “emprestavam” a bola mediante promessas vazias feitas pelos meninos, que acabavam por destruir a pelota. O futebol é um instrumento que conecta uma pessoa ao mundo. É possível perceber o outro, aprender os valores da convivência e compreender o funcionamento das mídias. O futebol no rádio abriu a primeira possibilidade de perceber outros espaços e tempos e as relações entre os dois. Theweleit tira do futebol algumas lições de vida: tudo o que você faz tem resultados e conseqüências, sua posição na tabela leva à autocrítica e à reflexão, além de ensinar o valor e a necessidade da aprendizagem e do trabalho.

Depois de descrever a sua socialização futebolística, Theweleit enfrenta a questão principal da primeira parte quando ele cita Kissinger: ele defende a tese de que é possível entender os povos através do seu estilo de futebol. Exemplifica com o estudo do estilo holandês, desenvolvido por David Winner no livro Brilliant Orange. The Neurotic Genius of Dutch Football. Segundo Winner os holandeses jogam futebol da mesma forma como guerreavam. O conceito de espaço nos Países Baixos é diferente, porque se trata de terra construída a partir do bombeamento da água do mar. O espaço é estruturado a partir de diques e canais. Foi possível inundar certas áreas e dessa forma mudar e diminuir o espaço em pontos estratégicos. O resultado destas práticas seria um

pensamento extremamente geométrico e estratégico. Exatamente como era o estilo de Cruyff de comandar a „Laranja Mecânica“ com passes diagonais que dividiram o campo em formas geométricas. Ainda melhor é o exemplo da linha de defesa que ao avançar diminuía espaços como uma enchente. Theweleit enxerga paralelos claros entre o sistema futebolístico e os sistemas sociais, políticos e geográficos da Holanda.

Partindo desta premissa, Theweleit investiga as características do futebol alemão e depara-se com o espírito de luta, a obrigação de ganhar e o uso racional da força em um tempo determinado. O último ponto explicaria o sucesso da Alemanha nas copas do mundo que duram um mês e também o fracasso nas copas européias para clubes que duram o ano inteiro. Mas os estilos, assim como as sociedades, inserem-se na história, mudam com o tempo. Até a década de 60, o futebol alemão seria caracterizado por um estilo militar, disciplinado. Teria havido um técnico parecido com um general e que dava ordens aos seus jogadores. Isso tudo teria mudado com Helmut Schön, que deu aos seus jogadores liberdade para criar, o que permitiu o despontar de uma geração de gênios da pelota: Beckenbauer, Overath e Netzer. A partir daí um técnico de comportamento autoritário não foi mais aceito. Por exemplo: os técnicos Derwall e Vogts que expulsaram os jogadores Schuster e Effenberg da seleção perderam credibilidade com estas ações sendo obrigados a renunciar. Theweleit termina esta primeira parte com considerações breves sobre paralelos entre futebol, comportamento de torcedores e política.

Tendências no mundo contemporâneo

Para Theweleit, o mundo contemporâneo é digitalizado. Isso representaria a maior revolução comportamental desde a liberalização empreendida por Helmut Schön, descrita anteriormente. Os jovens já não gostam mais de ler livros, porque eles

trabalham com computadores e brincam com vídeo-games. Este mundo digital é caracterizado pela simultaneidade. Posso abrir um jogo, o e-mail e mais outras páginas na internet ao mesmo tempo. Quem está sendo socializado desta forma tem dificuldades em entender um tempo histórico linear. Isso resultaria em dificuldades para os alunos de memorizarem dados históricos. Isso não significa que eles são menos inteligentes, eles simplesmente pensam de forma „digitalizada“. As histórias de Harry Potter podem ser vistas como um reflexo desse fenômeno: elas misturam Idade Média com high-tech. A ordenação do mundo, do espaço e do tempo dessa nova geração é diferente e pode ser caracterizada pela alta velocidade, pouca linearidade e necessidade de estratégia. Os jogadores que mais representariam o estilo digital seriam Zidane e Ballack. Estes jogadores lideram um time, mas não prendem mais a bola. Eles a recebem e a distribuem em segundos. Muitas vezes podem dar o passe sem olhar, o que significa que eles memorizaram a posição dos companheiros antecipadamente. Theweleit chama estes jogadores de fantasmas, porque eles aparecem em lugares improváveis com ações improváveis e desaparecem rapidamente. Ninguém é capaz de segurá-los. Como em uma tela de computador os caminhos para o gol não precisam ser lineares. Muitos passes rápidos para o próximo jogador livre, mesmo posicionado atrás ou ao lado são típicos deste futebol digital. As defesas têm que reagir diminuindo os espaços para os atacantes. Isso é exatamente o que está sendo ensinado no futebol juvenil: treinos em campos pequenos que obrigam a jogar com passes rápidos. Este treino é totalmente diferente do jogo lento que era ensinado nos clubes quando Theweleit era adolescente.

As mudanças não teriam acontecido somente no estilo de jogar futebol. Os valores da sociedade transformaram-se. Theweleit opina que o futebol não apenas reflete essas mudanças mas consegue abrir caminho para elas. O exemplo mais visível seria a questão dos estrangeiros na Alemanha. A política ainda não conseguiu resolver a

questão da imigração mas nos times de futebol este problema está solucionado. É normal num clube alemão haver jogadores de vários países. Até a seleção abriu-se para jogadores que não parecem tão „puramente“ alemães. A imigração de jogadores africanos, asiáticos e de outras regiões do mundo provocou um nivelamento da competência futebolística, o que diminuiu a diferença entre os chamados países grandes e pequenos. Por isso as seleções tradicionais enfrentarão mais dificuldades nas eliminatórias para a Copa.

Emblemático neste desenvolvimento foi a discussão pública ocorrida na Alemanha após um empate de 1 a 1 da seleção com a Islândia. O ex-jogador e comentarista de TV Netzer julgou inadmissível que a Islândia empatasse e considerou intolerável o desempenho dos jogadores alemães. Völler, o técnico da seleção, reagiu duramente e qualificou a fala de Netzer de uma „merda“. Isso provocou um debate público maior do que as crises de desemprego e do sistema democrático que aconteciam paralelamente. Na interpretação de Theweleit estavam em jogo os valores de uma sociedade que não aceita mais a visão imperialista e totalitária de Netzer e deseja ser mais liberal e tolerante. Um outro argumento neste sentido é o sucesso alcançado pelo futebol feminino, dessa forma, o futebol estaria na vanguarda das tendências. Por outro lado, o mundo do futebol ainda não tolera o homossexualismo, e no momento parece impossível que jogadores gays „saiam do armário“. A metrosexualidade de Beckham, todavia, já é vista como um comportamento aceitável.

Visões do futuro

Theweleit apresenta, inicialmente, uma imagem muito positiva da contemporaneidade. O mundo de hoje seria caracterizado por um pensamento liberal, tolerante e progressista. A nova geração, não só de jogadores, é inteligente, rápida e

consegue dominar o mundo digitalizado da simultaneidade. Mas o autor torna-se mais crítico na última parte do livro. Afirma que o jogo violento e os juízes incompetentes continuam existindo. Theweleit já quis desistir de assistir jogos ao sentir-se lesado por juízes. Ele chama a atenção para o fato de que para um juiz seria muito fácil manipular um jogo. Este alerta foi profético porque pouco tempo depois do lançamento de seu livro ocorreu na Alemanha o escândalo dos juízes.

Adiante ele critica os jornalistas esportivos da Alemanha, por informarem muito pouco sobre táticas e sistemas de jogos, preferindo concentrar-se em fofocas. Teria ocorrido uma certa melhora nos últimos anos, mas Theweleit desconfia de que isso só serve para maquiagem as falhas em outros setores da reportagem jornalística. O pior de tudo é que a mídia continua tendo o poder de criar estrelas e perdedores de um dia para o outro. Um poder exercido de forma completamente arbitrária.

Theweleit termina o livro afirmando que o jogo se tornou perfeito demais, causando paralisações e tornando chatas as partidas. O principal exemplo utilizado por ele é a final da Copa de 94 nos Estados Unidos. Gostaria de citar a descrição de Theweleit, exatamente pelo fato de ser tão diferente da provável visão de um brasileiro:

„Duas equipes perfeitas fazem mágica no campo, tocando a bola em combinações – até a área adversária. Lá os atacantes maravilhosos encontram o duro granito dos zagueiros que são igualmente maravilhosos. O jogo de alto nível não teve quase nenhuma chance de gol. Foi diamante contra diamante.“
(203)

A perfeição das equipes atuais faz com que os jogos sejam decididos por coincidências. Para mudar esta situação e tornar o jogo mais interessante, Theweleit concebe três possíveis mudanças: diminuir o número de jogadores, aumentar o tamanho do gol e mudar a regra do impedimento. A proposta seria criar uma nova área de 30m antes do gol na qual não existiria mais impedimento. As defesas teriam mais trabalho.

Futebol como modelo de realidade

Ficou claro que Theweleit não quer explicar o mundo através do futebol, mas mostrar como é possível construir a própria realidade a partir do jogo. Ele não afirma que o mundo é assim como ele descreve, mas apresenta uma visão particular e defende algumas teses surpreendentes. Por isso ele centra seus exemplos na Alemanha ou no futebol europeu. Acho que existe suficiente literatura no Brasil para descrever a sociedade brasileira através do seu futebol. Tenho certeza que muitos brasileiros não concordam com as teses de Theweleit, principalmente da sua visão positiva do mundo e do futebol atual. Não sei se esta chamada digitalização é realmente tão boa e inteligente como ele julga ser. Mas isso na verdade não importa, porque a tese central reside na construção de uma realidade particular através do futebol e talvez o indivíduo tenha a necessidade de elaborar uma realidade positiva.

Além disso, é ótimo escutar uma outra opinião e ampliar o próprio horizonte. Dessa forma o livro tem um efeito muito positivo para o leitor brasileiro, que saiba alemão, porque ele acrescenta uma outra visão. Com essa informação é possível refletir não só sobre a Alemanha, mas também sobre o futebol brasileiro. Podemos transferir as questões de Theweleit para o Brasil. Quais as características da sociedade brasileira que estariam espelhadas no seu futebol? Houve mudanças nos valores brasileiros nas últimas décadas? Onde estaria o Brasil nesse mundo digitalizado? Qual sua interpretação? Como é a relação do Brasil com outros países no futebol e em outras áreas? Como são vistas as questões das minorias e dos excluídos? Que visões do futuro existem?